

# O TEXTO (IN)VISÍVEL DOS LIVROS DE IMAGENS: A (TRANS)FORMAÇÃO DE CRIANÇAS E ADULTOS LEITORES

Bárbara Cortella Pereira de Oliveira<sup>1</sup>  
Nilza Cristina Gomes de Araújo<sup>2</sup>

**Resumo:** Com o objetivo de contribuir para a compreensão da literatura infantil como arte e, em virtude disso, possuir uma força humanizadora enfocam-se, neste artigo, as potencialidades dos livros de imagem para formação de leitores. Mediante procedimentos de localização, seleção, reunião e análise elaborou-se um instrumento de pesquisa contendo os títulos e autores de livros de imagens nacionais publicados, até o momento, a fim de ampliar o repertório das professoras em relação ao conhecimento deste gênero literário. Espera-se ampliar a compreensão sobre esse objeto cultural para a leitura visual, uma vez esse tipo de leitura possibilita a ampliação da oralidade; a criação de diferentes versões de uma mesma sequência narrativa, o desejo e a necessidade de ser autor/a; e o encantamento pelo universo literário ampliando o senso estético mediante a leitura do texto (in)visível das imagens.

**Palavras-chave:** Literatura Infantil; livro de imagem; formação de leitores e produtores de textos.

*“Não há idade para ler livros de imagens nem para  
introduzir a literatura”  
“Certos encontros nos transformam.  
Sejam eles com pessoas, sejam com livros – com ou  
sem imagens – eles nos transformam, nos abalam,  
nos surpreendem, nos desconcertam, nos  
desestabilizam...  
Questionando o sentido de nossas vidas, eles nos  
tornam vivos.”*  
(DOMINIQUE RATEAU, 2015, p. 13)

## Introdução

A leitura de livros de imagens<sup>3</sup> vem se destacando no cenário nacional e internacional cada vez mais como uma importante prática de leitura na escola, especialmente, para a formação

---

<sup>1</sup> Bárbara Cortella Pereira de Oliveira é graduada em Pedagogia (Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho” UNESP- Marília-SP), tem Mestrado e Doutorado em Educação pela mesma instituição. Realizou doutorado sanduíche na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS, Paris-França), sob orientação do Prof. Jean Hébrard (EHESS). É professora/pesquisadora da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa “Linguagem Oral, Leitura e Escrita na Infância” (GEPLOLEI). Tem experiência na área de História da alfabetização, Alfabetização, Leitura e Escrita, e Literatura infantil com pesquisa nas mesmas temáticas. *E-mail:* [barbaracortella@gmail.com](mailto:barbaracortella@gmail.com).

<sup>2</sup> Nilza Cristina Gomes de Araújo é graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), tem Mestrado e Doutorado em Educação pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” UNESP-Araraquara-SP. É professora da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e Vice-líder do Grupo de Estudo e Pesquisa “Linguagem Oral, Leitura e Escrita na Infância” (GEPLOLEI). Tem experiência na área de Alfabetização, Alfabetização no campo, Leitura e Escrita com pesquisa nas mesmas temáticas. *E-mail:* [nilzacga@hotmail.com](mailto:nilzacga@hotmail.com).

<sup>3</sup> Optamos neste artigo utilizar o termo “livro de imagens”, pois consideramos que as imagens contam as histórias/narrativas, mas esse tipo de livro pode ser denominado também de outras formas, tais como: “Livros sem

de leitores de forma autônoma ou mediada. O encontro com esse gênero literário também tem produzido em nossa prática de formadoras de professoras<sup>4</sup> uma nova forma de ensinar-aprender a ler essa linguagem visual, muitas vezes (in)visível no espaço escolar.

Nessa relação duradoura e de encantamento que estabelecemos, mais solidamente a partir de 2016, fomos formulando algumas questões/provoações: Como nos sentimos diante de um texto (in)visível apenas com a leitura das imagens? Conseguimos atingir o(s) sentido(s) pretendido(s) pelos autores desse gênero literário no momento de produção deste objeto cultural ou nos tornamos – crianças e/ou adultos – coautores de suas obras literárias, desvirtuando seu sentido original? Nosso olhar adulto está despido de preconceitos para se deleitar com as narrativas visuais em toda sua beleza estética, ética e política?

Nelly Novaes Coelho – na terceira parte do clássico *Literatura Infantil: teoria, análise e didática* (2000) – problematiza a dupla função “recreativa e pedagógica” do livro de imagens para a formação do pré-leitor e sua utilização desde os anos de 1920, na França, com os álbuns do “Père Castor” ou Paul Faucher.

[...] a linguagem das imagens era um dos *mediadores* mais eficazes para estabelecer relações de prazer, de descoberta ou de conhecimento entre a criança e o mundo das formas – seres e coisas – que a rodeiam e que ela mal começa explorar. (COELHO, 2000, p. 186, grifos da autora).

Coelho (2000, p. 197) apresenta seis pontos sobre o valor “psicológico / pedagógico / estético / emocional” da linguagem imagem/texto nos livros de literatura infantil: sensibilização do “[...] *olhar* como agente principal na estruturação do mundo interior da criança”; estimula a atenção visual e capacidade de percepção; contribui para a *comunicação* entre a criança e a narrativa; aproxima as *relações abstratas* que “só através da palavra, a mente infantil teria dificuldade em perceber”; amplia a capacidade de concentração na leitura de maneira significativa e estimula a imaginação infantil e sua potencialidade criadora.

Para Ramos (2011) tanto uma imagem como um texto escrito podem nos ser apresentados através de várias camadas de leitura nos solicitando examinar tais obras com um olhar atento e tranquilo, com certo grau de atenção para conseguirmos visualizar para além do que é visto em um primeiro instante.

As caixas de literatura infantil distribuídas às escolas pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) do Ministério da Educação contem excelentes exemplares de livros de imagens.

Para as crianças de 4-5 anos, o PNBE 2014 disponibiliza como acervo para alunos, professores e profissionais que atuam em bibliotecas escolares um conjunto de obras, no qual livros de imagem representam também 18% do montante distribuído entre livros de prosa, em verso, história em quadrinhos e livros de palavra-chave. (PAIVA, 2014).

No artigo “Livros de imagem: como aproveitar a atratividade e desenvolver o potencial destas obras na sala de aula com atividades literárias” (2014), Ana Paula Mathias de Paiva (UFMG) apresenta 12 livros de imagens e orientações às professoras da educação infantil, com o objetivo de “estimular competências óculo-manuais e sensíveis de interação das crianças com o bem cultural livro” (PAIVA, 2014, p. 47).

---

textos”, “livros-de-imagem”; “livros só-imagem”; “livros de imagens”; “livro-imagem”; “álbum ilustrado”; “livro mudo”; “história muda”; “história sem palavras”; “literatura visual”; “narrativas imagéticas” etc.

<sup>4</sup> A fim de evitar repetições desnecessárias, a partir daqui utilizaremos o termos “professoras”, uma vez que a maioria dos docentes de Educação Infantil e Ciclo de Alfabetização são do gênero feminino.

A mediação de leitura é importante porque desenvolve nos alunos a vontade de expressão, a observação dos modos de contar uma história, assim como é uma atividade professor-aluno que cria vínculo e a vivência de experiências interlocutórias. (PAIVA, 2014, p. 47).

Como podemos observar, os livros de imagens têm estado presente na escola como uma importante prática de leitura para a formação de leitores, não apenas para crianças não alfabetizadas, mas para leitores de todas as idades.

### Produção de livros de imagens por autores(as)/ilustradores(as) nacionais

No Brasil esse gênero literário começa a ser produzido em meados da década de 1970, mas é a partir da década de 2000, conforme Quadro 1, que essa produção ganha força no mercado editorial brasileiro e, mais ainda, dentro das escolas públicas.

AUTORES	TÍTULOS	EDITORAS	ANO
<b>Andrés Sandoval</b>	<i>Dobras</i>	Companhia das Letrinhas	2017
	<i>Desenho livre</i>		2016
<b>André Neves</b>	<i>Seca</i>	Paulinas	2000
	<i>Mestre Vitalino</i>	Paulinas	2000
	<i>Casulos</i>	Global	2007
	<i>Brinquedos</i>	Mundo Mirim	2009
<b>Ângela Lago</b>	<i>Outra Vez</i>	Editora Miguilim	1984
	<i>Cânticos dos</i>	Paulinas	1992
	<i>Cânticos</i>	RHJ	1994
	<i>Cena de rua</i>		
<b>Ângela Lago e Zoe Rios</b>	<i>Achei</i>	RHJ	2011
<b>Ângelo Abud</b>	<i>Os três porquinhos</i>	Mundo Mirim	2012
<b>Caroline Moreyra</b>	<i>O guarda-chuva do vovô</i>	Editora DCL	2013
<b>Eva Furnari</b>	<i>Amendoim</i>	Editora Paulinas	1983
	<i>Zuza e Arquimedes</i>	Moderna	2002
	<i>Filó e Marieta</i>		2002
	<i>Bruxinha Zuzu e o Gato Miú;</i>	Global	2002
	<i>Traquinagens e Estripulias</i>	Moderna	2002
<i>O amigo da bruxinha</i>	2002		
<b>Fernando Vilela</b>	<i>Contâiner</i>	Pequena Zahar Brinque-Book	2016
	<i>A Toalha Vermelha</i>		2017
<b>Graça Lima</b>	<i>Noite de Cão</i>	Salamandra	1991
	<i>Hora da Bóia</i>	Paulinas	1994
	<i>Só tenho olhos para você</i>	Paulinas	1998
	<i>Sai da lama jacaré</i>	Paulinas	2000
	<i>Abaré</i>	Paulus	2009

<b>Ilan Brenman</b>	<i>Telefone sem fio</i>	Companhia das Letrinhas	2010
	<i>O bocejo</i>	Companhia das Letrinhas	2012
	<i>A bolsa</i>	Brinque-Book	2012
	<i>Caras Animalescas</i>	Companhia das Letrinhas	2013
<b>Ilan Brenman e Guilherme Karsten</b>	<i>Enganos</i>	Melhoramentos	2015
<b>Istvan Banyai</b>	<i>Zoom</i>	Brinque-Book	2017
<b>Juarez Machado</b>	<i>Ida e volta</i>	Primor	1976
<b>Lúcia Hiratsuka</b>	<i>A visita</i>	DCL	2011
	<i>Ôrie</i>	Editora Zahar	2014
<b>Michele Iacocca</b>	<i>As aventuras de Bombolina</i>	Editora Ática	2006
<b>Nathalia Sá Cavalcante</b>	<i>Passarinhando</i>	Rocco	2009
<b>Nelson Cruz</b>	<i>Mateus</i>	Scipione	2006
	<i>A árvore do Brasil</i>	Peirópolis	2017
<b>Odilon Moraes</b>	<i>A princesinha medrosa</i>	Editora Jujuba,	??
<b>Patricia Auerbach</b>	<i>O jornal</i>	Brinque-Book	2012
	<i>O lenço</i>	Brinque-Book	2013
	<i>A garrafa</i>	Brinque-Book	2018
<b>Regina Rennó</b>	<i>Lá vem o homem do saco</i>	FTD	2013
<b>Renato Moriconi</b>	<i>O bárbaro</i>	Companhia das Letrinhas	2013
<b>Taisa Borges</b>	<i>O Rouxinol e o Imperador</i>	Peirópolis	2005
	<i>A bela adormecida</i>	Peirópolis	2006
	<i>João e Maria</i>	Peirópolis	2008
	<i>A borboleta</i>	Peirópolis	2009
	<i>A roupa nova do rei</i>	Mundo Mirim	2012
<b>Vanessa Prezoto</b>	<i>A águia e a coruja</i>	Zit Editora	2017
	<i>O lanche</i>	Tordasilhinas	2013
<b>Walter Lara</b>	<i>O artesão</i>	Abaccate	2011

QUADRO 1 – Autores nacionais<sup>5</sup> de títulos de livros de imagens (1982-2017)

Fonte: Instrumento de pesquisa elaborado pelas autoras (2018)

<sup>5</sup> Repertoriamos os títulos/autores de livros de imagens que consideramos mais representativos, sem a pretensão de um balanço. Nosso objetivo foi ampliar o repertório para a constituição de um acervo das professoras que atuam na Educação Infantil e Ensino Fundamental.

Como podemos observar no Quadro 1, nas décadas de 1980 e 1990, temos publicados os primeiros títulos com as renomadas Eva Furnari, Ângelo Lago e Graça Lima a partir da publicação de uma dezena de títulos. O pioneirismo de Eva Furnari representado pela publicação de livros de imagens com personagens plenas de humor, irreverentes e atrapalhadas.

De 2000 a 2010, também foram publicados uma dezena de livros de imagens de altíssima qualidade com os autores Graça Lima, André Neves, Ilan Brenman, Nathalia Cavalcante, Michele Iacocca, Taisa Borges e Nelson Cruz. Dentre esses destacamos a sensibilidade do livro de imagens *Passarinhando* e *O brinquedo* por tratarem de temáticas como a solidão e pertencimento na infância; o resgate das histórias clássicas originais de Charles Perrault, irmãos Grimm e Hans Christian Andersen recontados por Taísa Borges.

De 2011 a 2018, como se pode observar houve um aumento significativo na produção de livros de imagens com mais de trinta títulos de autores brasileiros. Dentre esses, destacamos *Os três porquinhos*, de Ângelo Abud com o retorno ao tema dos contos clássicos originais; as narrativas divertidas que seduzem leitores crianças e adultos como em *O bocejo*, *Telefone sem fio* e *Enganos*, de Ilan Brenman; as aventuras de um menino valente pelo mundo medieval em *O Bárbaro*, de Renato Moriconi; a sensibilidade das narrativas de de Lúcia Hiratsuka em *A visita e Oriê*; e a misteriosa e encantadora história *Lá vem o homem do saco*, de Regina Rennó. Apesar de sua maior popularização, constatamos que mesmo assim continua à margem na sala de aula, pois a linguagem visual ainda continua sendo um obstáculo nas mãos das professoras leitoras.

Apesar de os livros-imagem serem usados como instrumento pedagógico e até mesmo como auxiliar no processo de alfabetização, são obras que exploram a potencialidade plástica e poética das imagens e do objeto, transcendendo a mera descrição dos personagens utilizadas no estímulo à oralidade e à escrita. (ARAÚJO; MORICONI, 2017, p. 84).

Para criar uma narrativa a partir apenas da linguagem visual, é necessário um bom planejamento e muitas leituras de cada camada aparente do texto (in)visível. Nesta última década, a ilustração não é vista como mero complemento do texto (in)visível, nem o livro é mero suporte. Texto, imagem e projeto gráfico dialogam em cada momento da narrativa visual.

### **A experiência com livros de imagens na formação inicial e continuada de professoras**

Nas disciplinas “Fundamentos e Metodologia do Ensino da Linguagem II e IV” e a “Literatura infantil” temos trabalhado com livros de imagens com estudantes do Curso de Pedagogia da UFMT. Inicialmente, por desconhecerem esse gênero literário apresentam certa resistência, mas conforme vão conhecendo a teoria e se apropriando desse modo de leitura, apaixonam-se pelo trabalho e se questionam sobre a ausência de informações sobre esse tipo de livro.

Para ler um livro de imagens, o leitor deve aceitar entrar no jogo proposto pelo álbum. O jogo dos enquadramentos e o jogo das múltiplas formas da representação. As crianças pequenas não têm nenhuma dificuldade com isso, pois elas, ao virem ao mundo, são permanentemente confrontadas com a necessidade de interpretar os signos para entrar em relação com o mundo e com aqueles que o constituem. (RATEAU, 2015, p. 27).

Com o estudo do referencial teórico das disciplinas vão compreendendo que não é uma novidade deste século, mas que ao longo da história o modo de se relacionar com esse tipo de livro

foi se modificando. No início do século XX, com os álbuns *du Père Castor* a função deste objeto cultural era muito mais didático-pedagógica do que estética como vem acontecendo, recentemente.

A leitura individual ou coletiva de diversificados títulos de livros de imagens tem rendido diferentes experiências literárias para as futuras professoras, tais como: leitura apenas como fruição; a escrita e reescrita de diferentes versões de uma mesma história; a produção autoral de livros de imagens e a utilização deles em um Sarauzinho literário *para/com* crianças de escolas públicas da rede municipal de Cuiabá-MT.

Os livros de imagens mais recorrentemente utilizados nas disciplinas são: *Traquinagens e estripulias* (1982); *Bruxinha Zuzu e o gato Miú* (2010); ambos escritos e ilustrados por Eva Furnari; *A bela adormecida* (2007), de Charles Perrault e ilustrado por Taisa Borges; *Brinquedos* (2009), de André Neves; *O jornal* (2012), de Patricia Auerbach; *Lá vem o homem do saco* (2013), de Regina Rennó e *Passarinhando*, de Nathalia Sá Cavalcante.

Foi com este intuito de fazer mais de uma leitura de um mesmo texto, bem como enxergar para além do que está posto em um primeiro plano que propusemos o estudo da Unidade 3 “A contribuição do livro de imagem para formação de pequenos leitores (linguagem oral e escrita)” a professoras da educação infantil e do ciclo de alfabetização de um Curso de extensão (2017)<sup>6</sup> e Minicurso<sup>7</sup> (2018), onde exploramos as diferentes potencialidades do uso do livro de imagens para a formação de pequenos leitores.

Inicialmente, projetamos a história do livro *Passarinhando*, da designer gráfica Nathalia Sá e fomos envolvendo as professoras na construção coletiva da narrativa sobre a história de Lico, um passarinho muito triste porque vivia preso em uma gaiola. Após a construção oral, escrevemos no quadro um roteiro sobre as principais cenas da história. Cada grupo fez um roteiro escrito sobre a história do livro de imagens escolhido e no dia de socialização apresentaram.

Em um primeiro momento, provavelmente também por falta de familiaridade e conhecimento sobre este gênero literário as professoras do Curso de Extensão se sentiram pouco confortáveis com a falta da linguagem verbal, mas a cada livro lido, entusiasmadas com a possibilidade produzir diferentes versões de uma mesma história, como podemos observar na seguinte narrativa:

**Narrativa Professora 1:** Ele chegou, ele pegou o livro e começou a contar a história. Ele me contou a história numa facilidade que eu falei assim: “Nossa!! Né!!! E eu comecei a pensar: “A deficiente aqui sou eu! né? “Por que assim... ele pegou um livro de frutas e foi falando da melancia, que ela era doce, a casca da melancia. Ele foi dando riqueza de detalhes que eu não tinha visto. Eu olhei o livro? Olhei! E falei só fruta! Fruta! Banana... E não desenvolvia nada ali! Eu olhei o livro e deixei sobre a mesa... E ele chegou e a partir dali eu comecei a fazer um trabalho com ele e comecei a procurar figuras que tinham no livro, recortes de letras para ele montar a palavra. Coloquei o “M” o “E” tudo separado em cada parte e ai ele conseguiu e foi colocando. Ele tinha uma leitura do livro. Uma leitura que eu não tinha, mas ele tinha uma leitura do livro. As vezes a gente tem mesmo esta dificuldade de estar trabalhando isto, porque a gente acostumou com livro com letras! (Relato de uma professora do Curso de Extensão, 2017).

<sup>6</sup> Para maiores informações sobre este Curso, ver: sem identificação de autoria (2018). Esse Curso de Extensão em sua elaboração e execução esteve vinculado às atividades do Grupo de estudos e pesquisas “Linguagem Oral, Leitura e Escrita na Infância (GEPOLEI/UFMT)” e ao desenvolvimento do Projeto de Pesquisa “Alfabetização e letramento: práticas pedagógicas de professoras da pré-escola e 1º ano do ciclo de alfabetização, em duas escolas municipais de Cuiabá-MT” (CAP 424/2016).

<sup>7</sup> Minicurso intitulado “As potencialidades dos livros de imagens para a formação de leitores na educação infantil e ciclo de alfabetização”, ministrado dia 13/7/2018, no 21º. Congresso de Leitura do Brasil (COLE).

Para a maioria das professoras da educação infantil e do 1º ano da rede municipal de Cuiabá-MT trabalhar com livros de imagens foi um momento desafiador e de muitas descobertas, pois puderam perceber que uma criança desde o berçário já se constitui como uma leitora em formação atribuindo significados às imagens, possibilitando a ampliação da oralidade delas e a produção de sentidos.

Igualmente as professoras do 1º ano, constataram a importância do livro de imagens para o processo de alfabetização, uma vez que produz o desejo das crianças a produzirem textos orais e escritos; exercita a criatividade, a imaginação das crianças; possibilita a leitura de imagens; a criação de diferentes versões de uma mesma sequência narrativa, o reconto aprendendo a fazer entonações através de pausas, ênfases e ritmos; o desejo de ser autor; o encantamento pelo universo literário ampliando o senso estético mediante a leitura das imagens.

**Narrativa Professora 2:** Eu fiquei pensando assim... Depois do livro daquele passarinho... Passarinhando... Será que cada um vai inventar a sua história? Vai imaginar a sua história? Vai sair de dentro de cada pessoa o que ela vê? O que ela retrata? Se ela está vendo, ela vai desenvolvendo? Eu tenho uma história, ela tem uma história, da mesma história podem sair várias histórias? É aquela questão de negação! Que às vezes a gente enquanto professor, a gente pega o livro, a gente lê e pensa num livro comum e quer que o aluno chegue num ponto assim... já seja alfabetizado, e o livro de imagens, deu para perceber bem que cada um vai contar a história dela de uma forma. Se eu pegar vou ler de outra forma! O outro vai ler de outra forma. Não vai ter como ninguém copiar de ninguém. Você entendeu? Esta desperta a criatividade! Que é muito interessante. E eu fiquei assim preocupada, porque é a primeira vez que a gente pega o livro de imagens... E olha que tem anos que estou na prefeitura e nunca passou este negócio do livro de imagens na minha cabeça. O livro de imagens está lá na escola, mas ninguém veio assim dar uma apimentada e dizer: “Olha!!! Para trabalhar o livro de imagens! É assim, assim, assim...” Você entendeu? A gente não teve esta parte no PNAIC! Falavam de poemas, poesias, dos livros contos de histórias para a gente contar, mas não chegou nesta parte para a gente! Então agora, este medo, esta insegurança... A gente tem que arriscar ! Vamos pegar este livro! É mais uma novidade para as crianças na sala! Que até as crianças estão sendo negadas por este conhecimento do livro de imagens! É um direito das crianças! Estou falando isto porque faz parte da realidade. (Relato de uma professora do Curso de Extensão, 2017).

A partir do pensamento de Moraes, Valadares e Amorim (2013) chamamos a atenção das educadoras para o fato de que não fosse imposta uma leitura em detrimento das demais, ou que fosse criado um texto para contar a partir de um livro de imagens, o que limitaria em muito as múltiplas leituras e olhares por ele evocados.

Constatamos, ainda, a importância da professora de Educação Infantil e ciclo de alfabetização como mediadora literária quando narra a história *para/com* as crianças desenvolvendo nas crianças a vontade de expressão e observação dos modos de contar uma história.

Compartilhamos leituras de livros de imagens com crianças menores de três anos e seus adultos – pais e profissionais – e também com crianças, adolescentes adultos, para juntos encontrar livros, tecer laços, viver leituras, cultivar nossas semelhanças, analisar nossas diferenças, inventar possibilidades, abrir janelas para o mundo...(RATEAU, 2015, p. 28).

## A arte de produzir/ilustrar livros de imagens para crianças

Uma das atividades plenas de sentido para os estudantes<sup>8</sup> do 4º ano do Curso de Pedagogia da UFMT em 2016 foi a produção de um Sarauzinho literário<sup>9</sup> *para/com* crianças no CMEI “Manoel de Barros<sup>10</sup>”, em Cuiabá-MT. Uma das atividades permanentes desse Sarauzinho é o trabalho com os livros de imagens ilustrados pelas próprias estudantes.

A ilustração é uma arte instrutiva, pois desenvolve o conhecimento visual e a percepção das coisas. Por meio da imagem podemos reconstruir o passado, refletir o presente e imaginar o futuro ou criar situações impossíveis no mundo real. A ilustração é uma forma de arte visual que, por sua criatividade, colorido, projeção, estilo ou forma, amplia, diversifica e pode até, por vezes, superar a própria leitura do texto narrado.

A ilustração traz em si a palavra, como, por exemplo, nos livros de imagens, ou livros sem texto, estimulando a criação da narrativa verbal. Para a criança, a palavra só passa a ter importância primordial após a sua alfabetização, pois muito antes disso ela já é capaz de transpor o mundo real para o mundo de signos visuais e ler o significado de imagens. (LIMA, 2008, p. 40)

Durante a disciplina já mencionada, trabalhamos a produção autoral de livros de imagens a partir da leitura do livro *O fazedor de Amanhecer*<sup>11</sup> (2001), de Manoel de Barros. Esse livro é composto por nove poemas: “O amor”; “O fazedor de amanhecer”; “Eras”; “Meu avô”; “A língua mãe”; “Bernardo”; “Palavras”; “Campeonato”; e “As bênçãos”. Inicialmente, apresentamos aspectos principais da vida e da obra do poeta Manoel de Barros que apesar de ser cuiabano, muitos desconheciam a poesia desse renomado autor já centenário.

Manoel de Barros é, antes de tudo, um fazedor de imagens. Imagens insólitas, surrealistas, que conjugam o sonho e a realidade em um jogo sutil, poético por natureza, que desafia a lógica e a imaginação do leitor. Orquestrando essas imagens, ele nos aproxima dos ruídos e silêncios da natureza: seus insetos fazem música, seus rios são cantores líricos e seus sapos, percussionistas. A vida pulsa. Entre os perfumes do azul e o rumor nos voos das borboletas, Manoel de Barros constrói uma poesia sinestésica. Uma poesia desfeita em palavras-imagens que se confundem com sons e que cantam as cores do amanhecer.” (NÓBREGA, p. 2)

---

<sup>8</sup> Agradecemos a generosidade dos estudantes André Vinícius Oliveira Lisboa, Larissa Mineyah de Lima Pereira, Norma Alina da Costa e Silva e Ruth Benedita L. F. Amaral Passos por autorizarem a publicação das imagens de parte de suas obras citadas neste artigo, a fim de partilharem uma experiência que foi significativa para eles.

<sup>9</sup> Realizado em 12/09/2016, sua Programação foi planejada em cinco momentos: 1º Momento: Despertando para o amanhecer – socialização com as crianças cantando “Catira dos passarinhos” e “Bernardo”, do grupo *Crianceiras*; 2º Momento: Conhecendo a casa de Barros; 3º Momento: Brincando com a invenção; 4º Momento: Travessuras de João; e Encerramento: Contemplando a poesia de Manoel de Barros nos livros de imagens produzidos pelos graduandos de Pedagogia.

<sup>10</sup> Manoel Wenceslau Leite de Barros nasceu em 19 de dezembro, em Cuiabá-MT; passou sua infância em Corumbá-MS (Pantanal Sul matogrossense); mudou-se para Campo Grande-MS e, posteriormente para o Rio de Janeiro-RJ; em 1941, graduou-se em Direito; em 1947, mudou-se para Nova Iorque, onde estudou pintura e cinema. Casou-se e teve três filhos, em Campo Grande-MS; e sua obra ganhou reconhecimento nacional e internacional, especialmente, a partir da década de 1980.

<sup>11</sup> Sobre a análise deste livro Cf. o belíssimo ensaio de Medeiros (2009).



Em seguida, propositalmente tiveram contato apenas com o texto, sem terem acesso às ilustrações de Ziraldo. Ao se apropriarem das partes que compõe esse livro ficaram surpresos que havia sido destinado ao público infantil, questionando-se se o conteúdo dos poemas seria adequado ao público infantil. Fizemos, então, uma discussão e ressignificação sobre a concepção de criança(s) como produtoras de cultura(s) e não apenas consumidoras passivas de uma cultura adulta imposta, uma criança crítica que produz conhecimento a partir de sua realidade assim como do conceito de literatura infantil enquanto obra de arte e seu pacto ficcional e a formação do gosto desse leitor criança e/ou adulto.

Segundo Magnani (1992); Mortatti (2018) o que caracteriza um texto como literário não é apenas o assunto ou seu conteúdo, é necessário levar em conta que se lida com o todo de um texto: o que, como, quando, quem, onde, por que, para que, para quem se diz. (MAGNANI, 1992, p. 104). Para a formação e a transformação do gosto da leitura literária, segundo essa autora as professoras devem romper com o estabelecido; propor a busca e apontar o avanço; problematizando o conhecido e transformando-o num desafio que propicie movimento; propor a leitura de uma diversidade de textos literários; e o estudo crítico e comparativo dos textos em sua totalidade, ou configuração textual<sup>12</sup>:

O prazer não se compra, nem é automático: depende da emoção e percepção (que se aprendem) mais ou menos claras e conscientes do trabalho particular **de, com e sobre a linguagem**, da satisfação de novas necessidades de desenvolvimento. (p. 105).

A partir do poema *O amor*, de Manoel de Barros, as estudantes criaram pelo menos três versões de livros de imagens com técnicas de ilustrações diferenciadas, apreciando a possibilidade de se tornarem ilustradores/as de livros desse gênero literário, escrito para um público infantil:

Fazer pessoas no frasco não é fácil  
Mas se eu estudar ciências eu faço.

Sendo que não é melhor do que fazer  
pessoas na cama  
Nem na rede  
Nem mesmo no jirau como os índios fazem.  
(no jirau é coisa primitiva, eu sei,  
mas é bastante proveitosa)

Para fazer pessoas ninguém ainda não  
Inventou melhor do que o amor.  
Deus ajeitou isso para nós de presente.  
De forma que não é aconselhável trocar  
o amor por vidro.  
Quem não tem ferramentas de pensar, inventa.  
(BARROS, 2001, p. 5-11).

---

<sup>12</sup> Proposta de ensino que considera o texto como unidade de sentido e objeto de estudo e a formulação do conceito de “configuração textual”. O termo “configuração” é utilizado “para significar o processo de articulação prevista entre opções (temas e procedimentos) e propósitos — ou seja, o projeto — que presidem a produção e leitura do texto em determinada situação discursiva.” (MAGNANI, 1991/1993, p. 272).

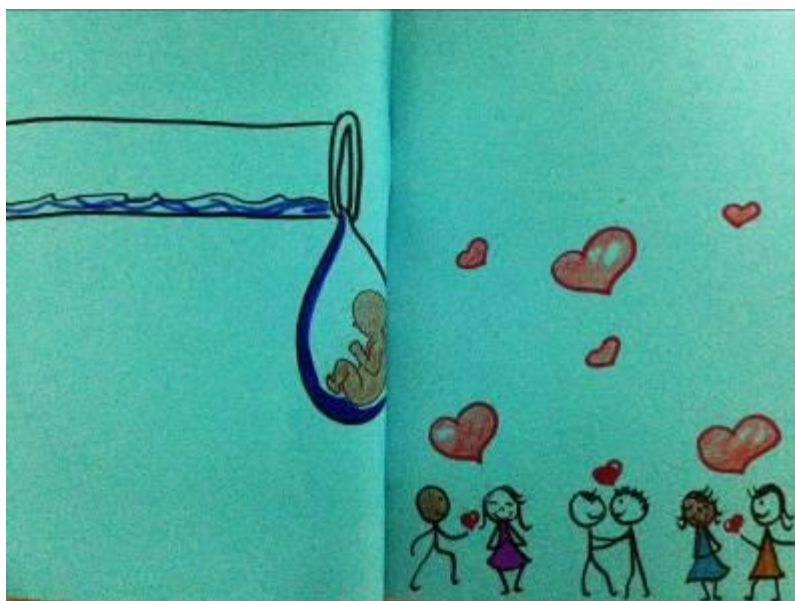


Imagem 1 e 2: O amor, de Manoel de Barros

Fonte: Ilustrações de Larissa Mineyah de Lima Pereira (2016)

O poema “Meu avô” foi outro texto que produziu bastante identificação nas estudantes, e tivemos a produção de dois sensíveis livros de imagens ilustrados: um com a técnica convencional da pintura a lápis de cor; e o outro a partir de colagem de materiais diversos como EVA, recortes de papéis de revistas, algodão, dentre outros que retrataram a questão da sabedoria singular das pessoas idosas, como o avô que com sua grandeza espantava a solidão, muitas vezes sentida pelas próprias crianças.

Meu avô dava grandeza ao abandono.  
Era com ele que vinham os ventos a conversar  
Sentava-se o velho sobre uma pedra no fundo  
do quintal  
E vinham as pombas e vinham as moscas a  
Conversar.  
Saía do fundo do quintal para dentro da casa  
E vinham com os gatos a conversar com ele.  
Tenho certeza que o meu avô enriquecia  
a palavra abandono.  
Ele ampliava a solidão dessa palavra.  
E as borboletas se aproximavam dessa  
Amplidão para voar mais longe.  
Só o silêncio faz rumor no voo das borboletas.  
Na estrada, ponho meu corpo a ventos.  
Aves me reconhecem pelo andar.  
(BARROS, 2001, p. 17-23).



Imagem 3 e 4: Meu avô, de Manoel de Barros

Fonte: Ilustrações de Norma Alina da Costa e Silva (2016)

No poema *Palavras*, dois estudantes nos surpreendem a partir de suas leituras bem polares: uma criação sensível com tons marcantes com as cores laranja e verde em aquarela; outra uma perspectiva bem humorada a partir do gênero de histórias em Quadrinhos de imagens com telas em nanquin, conforme imagens 5 e 6.

Palavra dentro da qual estou a milhões  
de anos é árvore.  
Pedra também.  
Eu tenho precedências para pedra.  
Pássaro também.  
Não posso ver nenhuma dessas palavras que  
não leve um susto.

Andarilho também  
Não posso ver a palavra andarilho que  
eu não tenha vontade de dormir debaixo  
de uma árvore.  
Que eu não tenha vontade de olhar com  
espanto, de novo, aquele homem do saco  
a passar como um rei de andrajos nos  
arruados de minha aldeia.

E tem mais uma: as andorinhas,  
pelo que sei, consideram os andarilhos  
como árvore.  
(BARROS, 2001, p. 34-37).

Imagens 5 e 6: Palavras, de Manoel de Barros



Fonte: André Vinícius Oliveira Lisboa (2016)



Fonte: Ruth Benedita L. F. Amaral Passos (2016)

O encontro/a recepção dessas crianças de 5 anos com esses livros de imagens ilustrados pelas estudantes nos surpreenderam positivamente. Constatamos o encantamento delas pela poesia de Manoel de Barros assim como pelas imagens produzidas pelos estudantes com diferentes recursos estéticos para ilustrar os livros produzidos. Compreendemos, ainda, que o encontro da maioria dessas estudantes com o processo de criação autoral transformou o modo delas se relacionarem com a literatura infantil.

### Considerações finais

Como buscamos apresentar neste artigo, produzir o desejo e a necessidade de ler bons textos literários *para/com* crianças por professoras adultas tem sido um de nossos objetivos no ensino, extensão e pesquisa no âmbito da Universidade pública em que atuamos. O encontro com o livro de imagens tem nos propiciado experiências (trans)formadoras para a atuação com pequenos leitores, leitores iniciantes e, até mesmo, com os leitores ditos mais experientes.

Tais experiências com esse objeto cultural – livros de imagens – sem dúvida, tem tornado nossos olhares mais sensíveis para ver além do visível e nossa escuta mais atenta para aquilo que as crianças (e também os adultos) como protagonistas e autoras de suas próprias histórias têm a nos ensinar/relatar sobre cada sequência narrativa que colocamos em suas mãos.

Pudemos constatar ainda o crescimento de um número significativo de autores/as brasileiros interessados em produzir narrativas visuais não apenas para leitores da primeira infância ou iniciantes, mas também para leitores mais experientes como jovens e adultos, com narrativas cada vez mais sensíveis, de alta qualidade estética e ética em que texto (in)visível, imagem e suporte dialogam, encantam e trazem maior sentido a vida desses leitores de todas as idades, como nos alerta Dominique Rateau.

## Referências

ARAUJO, Hanna; MORICONI, Renato. Diálogo sobre o processo de criação e leitura do livro-imagem. In: NOGUEIRA, Ana Lúcia Horta; LAPLANE, Adriana Lia Frizman (Org.). *Leitores e leituras: explorando as dobras do (im)possível*. Campinas, SP: Edições Leitura e Crítica; ALB, 2017.

BARROS, Manoel. *O fazedor de amanhecer*. São Paulo: Salamandra, 2001.

COELHO, Isabel Lopes. O livro ilustrado: três estudos de caso. In: NOGUEIRA, Ana Lúcia Horta; LAPLANE, Adriana Lia Frizman (Org.). *Leitores e leituras: explorando as dobras do (im)possível*. Campinas, SP: Edições Leitura e Crítica; ALB, 2017.

COELHO, Nelly Novaes. A literatura infantil – o visual e o poético. In: \_\_\_\_\_. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo, Moderna, 2000.

LIMA, Graça. Lendo imagens. In: Instituto C&A; Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. *Nos caminhos da literatura*. São Paulo: Peirópolis, 2008. p. 36-43.

MAGNANI, Maria do Rosário Longo. Leitura e formação do gosto (por uma pedagogia do desafio do desejo). *Idéias* (FDE/SEE/SP), n. 13, p. 101-106, 1992

MEDEIROS, Regina Lúcia de. *Fabrincando o amanhecer: infância e criação poética em Manoel de Barros*. Departamento de Letras da UFRN. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/humanidades2009/Anais/GT31/31.2.pdf>>.

MORAES, Fabiano; VALADARES, Eduardo; AMORIM, Marcela Mendonça. A biblioteca escolar entre textos e imagens: dos quadrinhos e livros sem texto aos livros informativos sobre arte. In: \_\_\_\_\_. *Alfabetizar letrando na biblioteca escolar*. São Paulo: Cortez, 2013.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Leitura e formação do gosto (por uma pedagogia do desafio do desejo). In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Entre a literatura e o ensino: A formação do leitor*. São Paulo: Editora UNESP, 2018.

Sem identificação de autoria. A arte de ensinar a contar, cantar e ler histórias *para e com* crianças: experiências estético-formativas. In: GRAZIOLI, Fabiano Tadeu; COENGA, Rosemar Eurico (Org.). *Literatura de recepção infantil e juvenil: modos de emancipar*. Erechim-RS: Habilis Press, 2018. p. 303-324.

PAIVA, A. P. Livros de imagem: como aproveitar a atratividade e desenvolver o potencial destas obras na sala de aula com atividades literárias. *LITERATURA fora da caixa*, Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2014, v. 3, p. 43-58.

RAMOS, Graça. *A imagem nos livros infantis: caminhos para ler o texto visual*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

RATEAU, Dominique. Ler com as crianças pequenas. In: BAPTSITA, Monica Correia et al. *Literatura na educação infantil: acervos, espaços e mediações*. Brasília: MEC, 2015.